

A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR NA MITIGAÇÃO DO BULLYING NAS ESCOLAS: ESTRATÉGIAS, DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES

Evelaine Berto de Oliveira¹; Gisely Kellem da Silva Reis¹; Sâmela Suhett Martins Queiroz Cantuária¹; André Mota do Livramento²

¹Acadêmicas de Psicologia Faculdade Multivix Nova Venécia/ES

²Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES (PPGP-UFES). Especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental (Unifia/Capacitar). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (PPGE-UFSCar). Psicólogo do Instituto Federal do Espírito Santo - IFES Nova Venécia. Docente Faculdade Multivix Nova Venécia/ES.

RESUMO

O presente artigo analisa os resultados da pesquisa conduzida com a finalidade de compreender o papel do psicólogo escolar na mitigação do *bullying* em escolas da rede estadual do Estado do Espírito Santo públicas do Estado do Espírito Santo. Objetivou-se investigar quais são os obstáculos enfrentados por esses profissionais, bem como os recursos e estratégias utilizadas para trabalhar a problemática. Para tanto, fez-se pesquisa em campo, cuja coleta de dados ocorreu por meio de formulário *on-line* destinado aos psicólogos escolares. Os dados revelaram que o *bullying* é um problema recorrente nas escolas onde os psicólogos respondentes atuam, sendo a aparência física, raça e sexualidade as principais razões para as agressões. A maioria dos psicólogos entrevistados considera essencial envolver toda a comunidade escolar para enfrentar o *bullying*, com ações que incluam palestras e rodas de conversa. No entanto, desafios como a naturalização da violência, grande número de escolas que precisam ser atendidas por apenas um psicólogo e a resistência de alguns educadores dificultam intervenções eficazes. Sugere-se um trabalho contínuo e colaborativo, com apoio de toda a equipe escolar e familiares para tornar o ambiente escolar seguro e inclusivo, além do aumento do quadro de psicólogos escolares a fim de atender as demandas de forma efetiva.

Palavras-chave: psicologia escolar; bullying nas escolas; contribuições do psicólogo.

ABSTRACT

This article analyzes the results of research conducted to understand the role of school psychologists in mitigating bullying in public state schools in the state of Espírito Santo. The objective was to investigate the obstacles faced by these professionals, as well as the resources and strategies used to address the problem. To this end, field research was conducted, with data collection carried out through an online form for school psychologists. The data revealed that bullying is a recurring problem in the schools where the responding psychologists work, with physical appearance, race, and sexuality being the main reasons for the aggression. Most of the psychologists interviewed consider it essential to involve the entire school community to address bullying, with actions that include lectures and discussion groups. However, challenges such as the normalization of violence, the large number of schools that need to be served by only one psychologist, and the resistance of some educators hinder effective interventions. Continuous and collaborative work is suggested, with the support of the entire school team and families, to make the school environment safe and inclusive, in addition to increasing the number of school psychologists in order to effectively meet the demands.

Keywords: school psychology; bullying in schools; contributions of the psychologist.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Ristum (2010) o *bullying* é definido como um comportamento abusivo de poder físico ou psicológico entre indivíduos do mesmo grupo, caracterizado por um padrão de dominação e prepotência, por um lado, e submissão, humilhação e conformidade, bem como sentimentos de impotência, raiva e medo, por outro. As ações associadas a esse fenômeno abrangem uma variedade de formas, incluindo a utilização de apelidos pejorativos, humilhação, discriminação, agressão física, furto, intimidação, exclusão social, disseminação de boatos maliciosos, entre outras (Ristum, 2010). É caracterizado, ainda, por ser recorrente e intencional (Silva, 2015).

Considerando que a escola é um dos cenários onde o *bullying* se manifesta, torna-se necessário implementar medidas preventivas e interventivas a fim de combater essa problemática. A psicologia escolar pode e deve contribuir na desconstrução das práticas do *bullying*. A atuação do psicólogo escolar envolve desde a promoção da conscientização e de estratégias de intervenção, até o apoio direto às vítimas e a reeducação dos agressores (Silva, 2021).

Traçaram-se como objetivos, através de revisão bibliográfica, compreender o fenômeno *bullying*, suas formas e impactos decorrentes de sua prática no ambiente escolar. Propôs-se também investigar quais estratégias e ferramentas os psicólogos escolares do Estado do Espírito Santo vêm utilizando na mitigação do *bullying*, buscando compreender também quais são os maiores desafios que os profissionais enfrentam em suas práticas.

A presente pesquisa girou em torno das indagações: quais são as contribuições do psicólogo escolar na mitigação do *bullying*? Quais são os desafios que os psicólogos escolares encontram em suas práticas preventivas e corretivas ao *bullying*?

Considerando o exposto, é latente a necessidade de compreender o papel dos profissionais psicólogos na mitigação do *bullying*, assim como os desafios que ainda dificultam o fazer da psicologia nas escolas.

O *bullying* é um tipo de agressão física, emocional e verbal (Zequinão *et al.*, 2016) e está presente em toda sociedade, especialmente nas escolas. Por suas

características abusivas, recorrentes e intencionais, onde há desigualdade de poder e, muitas vezes, impossibilidade de defesa por parte da vítima, gera consequências devastadoras ao acometido, desde físicas a psíquicas (Barros; Carvalho; Pereira, 2009).

Considerando que a escola é um dos palcos da manifestação do *bullying*, é necessário tomar medidas cautelares a fim de prevenir o acontecimento, mas também intervir nos casos já existentes. A psicologia escolar tem importante papel em enfrentar a prática do *bullying* nas escolas, seja promovendo conscientização, provendo estratégias e atuando na linha de frente juntamente com os educadores no acolhimento das vítimas e reeducação dos agressores (Silva, 2021).

A escolha do tema tem por justificativa os impactos físicos, sociais, emocionais e psíquicos da prática do *bullying*, o qual é alvo recorrente dos trabalhos desenvolvidos pelo psicólogo escolar (Barros; Carvalho; Pereira, 2009). Ademais, compreende-se a necessidade de investigar a atuação do psicólogo escolar diante a esta demanda. A presente pesquisa aborda o papel do psicólogo escolar da rede Estadual do Estado do Espírito Santo na mitigação do *bullying*, de forma preventiva ou corretiva, e os desafios encontrados pelos profissionais nesse fazer. Com este estudo busca-se compreender: quais são as contribuições do psicólogo escolar da rede estadual de ensino do Estado do Espírito Santo na mitigação do *bullying*? Quais as ferramentas e instrumentos utilizados por esses psicólogos no combate ao *bullying*? Quais são os desafios encontrados em suas práticas contra *bullying*?

De forma geral, objetiva-se realizar pesquisa de campo destinada a psicólogos escolares da rede estadual do Estado do Espírito Santo, a fim de compreender a atuação do psicólogo escolar na mitigação do *bullying*, estratégias utilizadas, desafios e contribuições do profissional. Como objetivos específicos, destacamos, identificar as principais questões e temáticas relacionadas ao *bullying* vivenciados pelos alunos nas escolas; analisar as principais estratégias e intervenções utilizadas pelo psicólogo escolar no enfrentamento ao *bullying*; analisar os desafios enfrentados pelo psicólogo escolar ao lidar com situações de *bullying*, incluindo questões institucionais, sociais e individuais; compreender a especificidade do trabalho do psicólogo escolar no enfrentamento ao *bullying*, investigando de que forma suas intervenções diferem das

demais ações pedagógicas da escola; compreender a importância da participação da comunidade escolar junto ao psicólogo escolar na mitigação ao *bullying*.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O FENÔMENO BULLYING

O *bullying* não é um evento recente ou exclusivo do ambiente escolar. É um fenômeno social, desde sua concepção, manifestação e consequências acarretadas às vítimas, podendo se manifestar de forma física, moral, material e psicológica. Contudo, apesar de sua natureza destruidora e traumatizante, o *bullying* até os anos de 1970 era ainda “invisível”, aceito e considerado normal (Freire; Aires, 2012).

Os estudos a respeito do *bullying* iniciaram-se na década de 70 e tomaram proporções maiores a partir de estudos que foram conduzidos pelo pesquisador norueguês Dan Olweus, na década de 80. Olweus foi quem denominou essa forma de violência como *bullying*. Porém, os estudos conduzidos recebiam pouca visibilidade e importância devido à aceitabilidade dos atos de violência e assédio (Freire; Aires, 2012).

Somente em 1983, após três estudantes noruegueses de 10 a 14 anos cometerem suicídio, motivados, principalmente, pelo *bullying* sofrido no ambiente escolar, o tema passou a receber maior atenção da sociedade local (Freire; Aires 2012).

No Brasil a discussão a respeito do *bullying* iniciou entre os anos 90 e 2000 (Antunes; Zuin, 2008). É uma discussão recente que levanta diversas questões sociais, familiares, econômicas, culturais, raciais e de gênero (Bandeira; Hutz, 2012; Batista, 2013; Carapello, 2020; Chaves; Souza, 2018; Crochík, 2012; Silva *et al.*, 2021).

O *bullying*, portanto, é conceituado como:

[...] abuso de poder físico ou psicológico entre pares, envolvendo dominação, prepotência, por um lado, e submissão, humilhação, conformismo e sentimentos de impotência, raiva e medo, por outro. As ações abrangem formas diversas, como colocar apelidos, humilhar, discriminar, bater, roubar, aterrorizar, excluir, divulgar comentários maldosos, excluir socialmente, dentre outras (Ristum, 2010, p. 97).

A prática do *bullying* se dá mediante relações de poder desiguais, nas quais o agressor exerce dominação sobre a vítima (Balogh, 2022) cometendo atos agressivos

intencionais (Chaves; Souza, 2018) tais como: agressão física, provocações, xingamentos, abusos sociais, físicos e verbais, apelidos, propagação de mentiras, exclusão social, extorsão, fofoca, entre outras manifestações de assédio moral (Armitage, 2021; Pimentel; Méa; Patias, 2020).

Nesse cenário, pode-se observar a presença de três participantes que exercem papéis em meio a prática do *bullying*, são eles: vítima, agressor e espectador. De acordo com Silva (2015) as vítimas podem ser categorizadas de duas formas: típicas e provocadoras. As vítimas típicas são exemplificadas pelas pessoas com pouca habilidade social (Silva, 2015), geralmente, possuem características que a fazem se diferenciar do restante do grupo (Olweus, 1993 *apud* Chaves; Souza, 2018). Apresentam baixa autoestima e comportamentos passivos, de forma que se tornam alvos vulneráveis para os agressores (Silva, 2015).

As vítimas provocadoras são pessoas que instigam, de forma não intencional, reações agressivas contra si mesmas (Silva, 2015).

Nesse grupo geralmente encontramos as crianças ou adolescentes hiperativos e impulsivos e/ou imaturos, que criam, sem intenção explícita, um ambiente tenso na escola. Sem perceberem, as vítimas provocadoras acabam “dando tiro nos próprios pés”, chamando a atenção dos agressores genuínos. Estes, por sua vez, aproveitam-se dessas situações para desviar toda a atenção para a vítima provocadora. Assim, os verdadeiros agressores continuam incógnitos em suas táticas de perseguição (Silva, 2015, p. 27-28).

Já os agressores, para Pabón-Carrasco (2020), são conceituados como indivíduos em posição de poder diante das vítimas, possuem maior porte físico, maior popularidade e apresentam propensão para a má conduta. Geralmente possuem um círculo de amigos que o apoiam em seus atos.

Para Farenzena (2020), os espectadores também são importantes participantes da prática do *bullying*. Eles podem, de forma direta, influenciar o desenvolvimento das agressões, apoiando, reforçando, aprovando e até mesmo sendo passivos e permissivos, não agindo contra o episódio agressivo.

As consequências do *bullying* são as mais diversas. Às vítimas dos atos agressivos os prejuízos podem ser manifestos em desempenho acadêmico diminuído, estresse, depressão, transtornos ansiosos, relacionamento interpessoal prejudicado, baixa autoestima, prejuízos cognitivos, autoagressão, danos à saúde física e mental, e

até mesmo, suicídio (Andrade; Li, 2020).

2.2 ESTRATÉGIAS E CONTRIBUIÇÕES DO PSICÓLOGO ESCOLAR NO ENFRENTAMENTO AO BULLYING

A intervenção psicológica no ambiente escolar desempenha um papel crucial na identificação precoce de problemas de saúde mental, no fornecimento de apoio emocional e na promoção de estratégias de enfrentamento saudáveis na resolução de problemas advindos do ambiente escolar entre os alunos, docentes e gestores (Nascimento, 2020).

A contribuição do psicólogo nas instituições de ensino inicia a partir da compreensão da dinâmica escolar e suas relações com os participantes nela envolvidos (estudantes, docentes, gestores, pedagogos, equipe técnico-administrativa, serventes, merendeiras, vigilantes, auxiliares de serviços gerais, pais, responsáveis e comunidade), exercendo escuta ativa, e estando sensível às questões cotidianas do ambiente escolar (Freire; Aires, 2012).

O psicólogo, a partir dessa observação, deve realizar o diagnóstico do ambiente escolar, traçando o planejamento de estratégias e ações a serem executadas (Gomes, 2022). Através dessa visão institucional, o psicólogo terá subsídios reais para elaborar estratégias de prevenção e enfrentamento às demandas, entre elas, ao *bullying*, de forma que essas intervenções sejam singulares à instituição de ensino. A elaboração dessas soluções e intervenções devem ser construídas através do diálogo interdisciplinar com a gestão, docentes e discentes, garantindo maior aproximação com a realidade da escola (Freire; Aires, 2012).

Pesquisadores compreendem que as manifestações do *bullying* no ambiente escolar decorrem da pouca habilidade no manejo de emoções negativas, além da falta de repertório para gerir estímulos sociais e ambientais por parte dos estudantes (tanto vítimas, como agressores). Torna-se, então, necessário a intervenção do psicólogo escolar, devendo, este, investir em projetos e intervenções que visem o desenvolvimento de habilidades individuais, sociais e da inteligência emocional dos estudantes (Paz; Fraga, 2022).

Em pesquisa conduzida por Suzuki e Vitalle (2020) foi constatado que as vítimas de *bullying* possuem comportamentos frágeis e passivos, com dificuldades de estabelecer vínculos sociais e de se afirmar em meio a um grupo; os agressores demonstram pouca habilidade na gestão do autocontrole, apresentando emissão de comportamentos agressivos; e os espectadores apresentam pouca empatia ao presenciarem cenas de *bullying*. Através da pesquisa conduzida pelas autoras supracitadas, é possível observar o desenvolvimento da violência, foco do estudo, em grupos onde os participantes apresentam habilidades sociais e emocionais mal desenvolvidas.

Reforça-se, portanto, a necessidade do desenvolvimento das habilidades sociais e emocionais na escola, pois contribuem para um clima favorável e saudável, promovendo saúde mental e bem-estar, prevenindo casos de *bullying* e demais tipos de violências e comportamentos que geram prejuízos à escola e seus participantes (Moraes, 2023).

O psicólogo escolar também contribui na amenização das consequências da prática do *bullying*, agindo com estratégias interventivas, que visam recuperar a autoestima dos estudantes. Dentro das instituições de ensino, o psicólogo deve atuar como agente de mudança, juntamente com a equipe escolar, promovendo treinamentos, capacitações, reflexões e questionamentos sobre a violência presenciada nas escolas, visando propiciar aos docentes subsídios para identificar casos de *bullying* e como responder a eles (Ribeiro, 2021).

Em sua atuação escolar, o psicólogo pode realizar orientações diretas com os estudantes, em caráter de aconselhamento e suporte para o desenvolvimento e resolução de temas oriundos do ambiente escolar. Realizar o acolhimento das vítimas e orientar os agressores, promove apoio emocional e psicológico, facilitando o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e estratégias de enfrentamento (Martínez, 2010; Silva, 2021).

A relação família-escola desempenha papel fundamental no processo de formação dos estudantes e deve ser fortalecida (Dantas; Mezzalira, 2020). Através da aproximação da família junto a escola, é possível compreender as dinâmicas familiares e formular propostas de enfrentamento aliada à família (Dantas; Mezzalira,

2020).

Figueira (2022) enfatiza a importância das práticas parentais nas estratégias de prevenção e combate ao *bullying*. Conforme revisado por Oliveira *et al.* (2018), fatores como a supervisão parental, determinação de regras claras, supervisão contínua e uma comunicação positiva entre pais e filhos atuam como proteções eficazes contra o *bullying*. Por outro lado, a utilização da violência como método de resolução de conflitos no contexto familiar é identificada como um fator de risco significativo para a ocorrência do *bullying*.

2.3 DESAFIOS NA MITIGAÇÃO DO BULLYING EM ESCOLAS

Os psicólogos escolares enfrentam vários desafios em suas práticas na mitigação do *bullying*. Um dos principais desafios está na desinformação ou no reconhecimento insuficiente do papel do psicólogo dentro das escolas por parte dos gestores, docentes, estudantes, pais e até mesmo dos próprios profissionais de psicologia (Andrada, 2019).

Em seus primórdios, no Brasil, a psicologia escolar exercia um papel experimental, avaliativo e mecanicista, movida pela tendência das clínicas psicológicas, desempenhando um modelo clínico médico dentro das instituições de ensino. Se propunha a fornecer dados científicos sobre o desenvolvimento mental, aprendizagem e rendimento escolar. Nessa época, sua principal função estava em tratar os “alunos-problemas”, que eram muitas vezes responsabilizados ou tinham suas famílias responsabilizadas pelo seu fracasso escolar, eximindo a escola de sua parcela (Souza, 1997). Contudo, após críticas, a psicologia escolar na década de 1990 começou a desconstruir sua postura patológica, compreendendo a escola como instituição de fundação ontológica, cultural, social e econômica (Silva, 2021).

Contudo, ainda é observado a falta de conhecimento sobre o papel e o fazer do psicólogo na escola. Ainda se confunde a atuação do psicólogo escolar com a do psicólogo clínico, esperando diversas vezes a mesma postura e prática. Ignora-se o contexto social, cultural e econômico da dinâmica escolar, culpabilizando o fracasso escolar ou comportamentos inadequados dos estudantes a eles próprios e suas famílias, ignorando a parcela de responsabilidade da escola nesses resultados

(Andrada, 2019).

Outro desafio que o psicólogo escolar enfrenta em sua prática e na mitigação do *bullying* está na complexidade das interações escolares e do ambiente escolar, com múltiplas relações interativas que precisam ser compreendidas e trabalhadas. Freire e Aires (2012) ressalta que o psicólogo escolar deve analisar e aprimorar essas relações, o que exige uma compreensão profunda das dinâmicas institucionais e dos agentes envolvidos.

A complexidade do *bullying* está atrelada à necessidade de uma compreensão sistêmica do problema. Isso significa que para combater efetivamente o *bullying* é necessário considerar a interação entre múltiplos fatores, incluindo as dinâmicas sociais, os contextos familiares e escolares, e as características individuais dos envolvidos. Uma abordagem reducionista que não leva em conta essas relações e a influência mútua entre elas tende a ser insuficiente (Schultz *et al.*, 2012).

Conhecer as direções éticas e políticas que norteiam o cotidiano escolar passa a ser prioridade para a ação de psicólogas(os). Questões como: escola para quem, escola para quê, e como se engendram as práticas atravessadas por essas implicações no cotidiano são fundamentais e devem ser debatidas por profissionais que atuam no campo da Educação (Conselho Federal de Psicologia, 2019, p. 26).

Outro desafio significativo é a resistência de alguns membros da comunidade escolar, incluindo professores e pais, em reconhecer a complexidade do *bullying* e em se engajar em soluções colaborativas. Observa-se que muitos docentes não possuem conhecimentos suficientes sobre o *bullying* e suas implicações, interferindo diretamente em seu posicionamento e intervenção diante de casos da violência referida. Muitos ainda veem o *bullying* como um problema que deve ser resolvido apenas entre os estudantes, sem a necessidade de intervenções sistêmicas e contínuas. Outros ainda acreditam que são apenas brincadeiras de crianças, certos de que não há necessidade de intervir (Mezzalira; Fernandes; Santos, 2021; Silva; Rosa, 2013).

Além disso, a omissão e a passividade dos membros da comunidade escolar muitas vezes legitimam a violência. Quando pais e professores não agem diante de incidentes de *bullying*, acabam por contribuir para a perpetuação do problema. Fortuna, Morgan e Canci (2017) destacam que o não posicionamento ou a inação de adultos

responsáveis na escola pode ser interpretada pelos alunos como uma aceitação implícita da violência, o que não apenas perpetua, mas pode até intensificar as práticas de *bullying*.

A falta de recursos adequados, incluindo espaços físicos apropriados e materiais necessários para a intervenção psicológica, também é um obstáculo significativo. Além disso, o número de psicólogos nas escolas frequentemente é insuficiente para atender às demandas existentes (Petroni; Souza, 2017).

3 METODOLOGIA

Trata-se de estudo exploratório, de natureza básica, pois aprofunda em um campo de estudo específico, com uma pesquisa de enfoque qualitativa que, de acordo com Marconi e Lakatos (2022, p. 298) “pressupõe o estabelecimento de um ou mais objetivos, a seleção das informações, a realização da pesquisa de campo”. Ainda ressalta que tanto a abordagem quantitativa quanto a qualitativa seguem processos rigorosos, sistemáticos e empíricos, com o objetivo de produzir conhecimento. Assim sendo, a pesquisa visa explorar acerca da atuação do psicólogo escolar na mitigação do bullying nas escolas, com a participação de 14 profissionais de psicologia que atuam nas escolas da rede estadual do Estado do Espírito Santo.

A coleta de dados se deu por meio de um questionário via *Google Forms*. Este instrumento aborda aspectos centrais da problemática do bullying, incluindo: prevenção do Bullying, perguntas sobre como os psicólogos e as escolas estão presentes para prevenir incidentes de bullying, identificando ações e políticas preventivas no ambiente escolar.

Marconi e Lakatos (2022, p.335), ressaltam que “é a fase da pesquisa que se ocupa de reunir as informações necessárias aos objetivos da investigação e aos problemas que o pesquisador objetiva resolver.”

Ainda conforme indicado por Marconi e Lakatos (2022), os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo com objetivo de enfatizar o tratamento e compreender de qual forma as representações descritas poderiam ser articuladas com o tema proposto.

No estudo em questão, a caracterização dos 14 psicólogos que responderam a pesquisa inclui informações demográficas adicionais, o que oferece uma visão sobre o perfil dos profissionais que atuam na rede estadual de ensino no Espírito Santo. Os dados revelam o seguinte: quanto a idade, sete profissionais apresentam entre 21 e 30 anos, cinco profissionais entre 31 a 40 anos e outros dois, entre 41 a 50 anos.

Quanto ao gênero, doze são mulheres e dois homens. E com relação a identificação étnico-racial, nove se autodeclararam pardos, três se dizem brancos e dois se reconhecem como pessoas pretas. Contatou-se que metade dos psicólogos escolares da amostra possuíam especialização na área escolar e/ou educacional.

Com relação aos aspectos éticos deste estudo, ele foi elaborado em conformidade com a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016) que ressalta a utilização do termo de consentimento livre e esclarecido, que exige que os participantes sejam informados sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos utilizados, possíveis riscos e benefícios, bem como a garantia de que a participação é voluntária e que o participante pode desistir a qualquer momento, sem prejuízo.

No caso deste estudo, os psicólogos foram previamente informados sobre todos esses aspectos e autorizaram o uso das suas respostas de forma anônima, preservando-se a confidencialidade de suas identidades e opiniões. Além disso, o uso de plataformas digitais como o Google Forms incluía medidas de segurança para proteção dos dados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas últimas décadas temáticas relacionadas ao *bullying* escolar têm ganhado relevância e sido amplamente pesquisadas ao redor do mundo. Por se tratar de um fenômeno multifatorial e em constante mudança, urge a necessidade de debater e investigar o assunto para compreendê-lo e intervir de forma assertiva.

Sob essa lógica, de acordo com a presente pesquisa, 92,9% (13) dos psicólogos participantes afirmaram que o *bullying* é uma demanda recorrente nas escolas em que atuam. Enquanto 7,1% (1) consideram que o *bullying* é uma demanda razoavelmente recorrente. Logo, pode-se inferir que a problemática investigada está presente de forma

significativa na maioria das instituições escolares em que os psicólogos participantes trabalham.

Em resposta à pergunta “*Quais são as principais questões e temáticas relacionadas aos atos de bullying na escola em que você atua?*”, informaram que 92,9% dos casos de *bullying* estão relacionados à aparência física, seguindo pelas temáticas raça e/ou cor (85,7%), sexualidade (71,4%), gênero (64,3%) deficiência físicas ou cognitivas (64,3%), classe social (50%), preferências e interesses pessoais (42,9%), local de residência (35,7%), questões religiosas (35,7%) e desempenho acadêmico (21,4%).

Os dados supracitados revelam um cenário que é reflexo do panorama o qual a escola está inserida. Conforme apontam Ferreira e Mendonça (2023), a intimidação sistemática entre pares é um dilema contemporâneo e global, impulsionado por uma sociedade marcada por pressões estéticas, padrões de beleza, preconceito, intolerância ao diferente e a tudo o que foge ao estereótipo esperado. Os grupos dominantes se aproveitam de uma aparente fragilidade das vítimas, culpando-as e agredindo-as de forma social, verbal, psicológica, física e/ou sexual.

Em virtude disso, um dos maiores desafios relatados pelos profissionais participantes foi a naturalização da violência, de maneira que os próprios estudantes “não conseguem se reconhecer como vítimas ou agressores” (psicólogo escolar J).

Em geral, os participantes acreditam que esse comportamento está ligado ao ambiente onde vivem, no qual familiares e funcionários das instituições banalizam o assunto e ignoram os casos, tornando-se fatores mantenedores da problemática.

Em concordância com Ferreira e Mendonça (2023), a família influencia tanto na construção da visão de mundo, moral e habilidades interpessoais do indivíduo, quanto na reprodução de condutas violentas (os alunos fazem na escola o que vivenciam em casa). Importante se atentar, no entanto, para análises reducionistas e/ou preconceituosas que os profissionais da educação podem reforçar, reiterando perspectivas que culpabilizam os estudantes e/ou familiares para uma realidade que é mais complexa, como o fenômeno da violência, que é multideterminado. Qualquer tentativa de localização um, em uma perspectiva individualista, pode produzir análises falaciosas e, nesse sentido, orientar práticas de intervenção superficiais.

Diante do questionamento “*Você acredita que os profissionais da educação contribuem para a prática do bullying escolar?*” 64,3% (9) da amostra afirmaram que sim, enquanto 35,7% (5) acreditam que não. Os 64,3% que responderam positivamente, acreditam que os docentes (50%) são os principais profissionais que contribuem para a disseminação do *bullying*, seguidos pelos pedagogos e coordenadores (42,9%), diretores, secretários e cuidadores (35,7%), e estagiários, cozinheiras e vigilantes (38,6%).

Assim sendo, mais da metade dos questionados afirmam que aqueles que deveriam zelar pelo bem-estar dos estudantes podem fomentar práticas de *bullying*. Além do impacto negativo causado pela falta de importância dada aos casos, como mencionado anteriormente, outros fatores também podem ser pontuados. Shariff (2011) declara que professores, em algumas situações, não só tratam o *bullying* como simples brincadeira, como também o praticam. Já Vieira *et al.* (2016) ressaltam uma ótica em que docentes e demais funcionários são espectadores e, ao presenciar situações, costumam ocultar os casos utilizando ameaças e isolamento das vítimas.

Todavia, convém ressaltar a complexidade deste fenômeno. Consoante a Schultz *et al.* (2012), não se deve analisar situações como essa sem considerar a pluralidade de fatores que permeiam o contexto. Nesse sentido, é importante não reduzir a realidade a uma relação de causa-efeito.

Ante a diversidade de pessoas e sistemas envolvidos e suas múltiplas interações, não se pode reduzir o *bullying* apenas às características individuais dos sujeitos em questão, tampouco a uma interação entre autor e alvo que ignore a teia complexa de relações implicadas na manutenção do fenômeno. Ademais, é necessário investigar as condições e implicações do sujeito ao se colocar nas posições de alvo, autor e/ou testemunha dos episódios de maus-tratos (Shultz *et al.*, 2012, p. 250).

Diante o questionamento “*Em que medida você acha que o psicólogo escolar deve envolver outros membros da comunidade escolar (como professores, pais e alunos) na luta contra o bullying?*”. Unanimamente, os respondentes afirmaram ser necessário o envolvimento de toda a comunidade escolar no enfrentamento ao *bullying*, como pode ser observado nas falas seguintes:

“*Acredito que em todas as etapas é necessário a participação de todos os membros que fazem parte da comunidade desse estudante, uma vez que ele pertence e*

socializa em vários ambientes” (psicólogo escolar A).

“Acho imprescindível que o psicólogo atue sempre com outros profissionais. O tema precisa ser compreendido como um problema social complexo e assim, soluções individuais serão difíceis. Envolver professores ou responsáveis nos casos de bullying escolar é importante para facilitar o enfrentamento e compartilhar responsabilidades” (psicólogo escolar J).

“Todos os responsáveis e equipe pedagógica, devem estar envolvidos na vida escolar do estudante, seja ele a vítima, ou o autor, pois o bullying tem consequências para além das paredes da escola” (psicólogo escolar O).

Também foi compartilhado pelos profissionais a importância do envolvimento da comunidade escolar nas ações realizadas em prol do enfrentamento ao bullying, podendo atuar por meio de “palestras de sensibilização, programas e atividades de prevenção, reuniões” (psicólogo escolar B) e “com ações de conscientização e acolhimentos individuais de agressores e famílias destes” (psicólogo escolar G).

Ante o exposto, é possível estabelecer uma visão ampla, baseada não somente numa interação escola-família, mas também nas conexões dos diversos ambientes em que cada estudante faz parte (Freire; Aires, 2012).

É necessário, então, analisar e compreender o ser humano nos diferentes contextos em que ele está inserido, inclusive suas características individuais. Da mesma forma, pode-se pensar no fenômeno *bullying*. Assim como as características de personalidade e de temperamento, os contextos sociais, familiares e escolares exercem influências no desenvolvimento de comportamentos agressivos entre crianças e jovens. Para prevenir e enfrentar o *bullying* ou qualquer outro tipo de violência que ocorre no contexto escolar, não se deve partir de receitas prontas e fechadas, pois cada escola possui uma realidade específica, onde são construídas relações diferenciadas entre os seus membros. Sendo assim, o *bullying* também irá se apresentar de formas diferentes em cada contexto, não devendo, portanto, ser avaliado de modo descontextualizado (Freire; Aires, 2012, p. 57).

Em relação às intervenções realizadas, 78,6% (11) dos psicólogos dizem promover ações de prevenção e combate ao *bullying* ao longo de todo o ano, enquanto 21,4% (3) promovem ações em situações esporádicas e pontuais.

O principal recurso utilizado pelos profissionais é a palestra (100%), seguida de roda de conversas (85,7%), intervenções pontuais (78,6%), dinâmicas de grupo (71,4%) e escutas individuais (64,3%).

Observa-se que 71,4% (10) dos psicólogos escolares participantes acreditam que as ações realizadas são eficazes no combate ao bullying.

“Após ações de prevenção de violências no ambiente escolar é notório a redução dos comportamentos de bullying, principalmente se as ações foram sistematizadas e constantes” (psicólogo escolar J).

“As vezes quando trabalhamos com tantos estudantes não acreditamos que a ação tenha atingido da forma que desejamos, mas precisamos entender que o trabalho do psicólogo escolar é contínuo e de ‘formiguinha’ ou seja se conseguimos atingir um dos nossos 1.600 alunos mais ou menos, já temos um resultado positivo” (psicólogo escolar G).

Dos participantes, 14,3% (2) acreditavam que não há resultados eficazes nas ações desenvolvidas:

“Todas as ações realizadas parecem não surtir efeito, quando o grupo que foi trabalhado para de realizar o bullying outro grupo começa, sensação de estar enxugando gelo” (psicólogo escolar E).

“Penso que a prevenção diminui os casos porém acredito que é um comportamento humano que sempre vai existir” (psicólogo escolar H).

Por outro lado, 14,3% (2) dos psicólogos não souberam dizer se as ações promovidas ao combate e prevenção ao bullying têm sido eficazes.

Ao analisar tais relatos, pode-se notar que por mais que as ações tenham algum efeito no enfrentamento ao bullying, parece haver certa insatisfação por parte dos profissionais, seja por lidarem com as demandas de muitos estudantes ou por não terem tempo hábil necessário para trabalhar com os desafios. Contudo, é imprescindível manter uma visão otimista, acreditando que o psicólogo, apesar dos percalços, pode contribuir significativamente para batalhar contra a violência escolar e estabelecer um ambiente respeitoso e de equidade.

Diante da pergunta *“Que tipos de treinamentos ou capacitações você considera necessários para que o psicólogo escolar enfrente o bullying de maneira eficaz?”* foram citados especializações; capacitações relacionadas ao manejo adequado à situações de bullying (acolhimento, escuta ativa, manejo de situações traumáticas) incluindo estudos de casos e apresentação de práticas exitosas; treinamentos com profissionais

qualificados; *“cursos que permitam reflexões críticas e práticas acerca o enfrentamento das violências nas escolas” (psicólogo escolar J).*

Mesmo que a graduação em psicologia possa fornecer noções e subsídios úteis para trabalhar com a temática (como relatado por um dos psicólogos respondentes), é interessante que o profissional preze por se atualizar e estudar novos protocolos. Vale destacar o Trabalho de Reciclagem Infantil (TRI-P), programa criado por pesquisadores brasileiros para intervir em questões relacionadas a transtornos mentais em escolas e reduzir os problemas de convívio social, como o *bullying*. Baseado em conceitos da Terapia Cognitivo-Comportamental, estratégias e mecanismos foram desenvolvidos para auxiliar crianças e adolescentes a fortalecerem o *self*, a resiliência e a empatia (Caminha; Caminha; Justo, 2015).

Quando questionados *“Quais estratégias você sugere para melhorar a atuação do psicólogo escolar no enfrentamento ao bullying?”*, um dos desafios citados pelos profissionais psicólogos escolares da rede estadual do Estado do Espírito Santo quanto à atuação frente ao *bullying* está relacionado às condições de trabalho ofertadas pela Secretaria Estadual da Educação. A problemática se refere, principalmente, à quantidade de escolas que cada profissional deve atuar, com grande número de estudantes, o que reduz a carga horária disponível para intervenções efetivas e contínuas relacionadas ao tema. A problemática pode ser identificada a partir dos seguintes relatos de sugestões a perguntar supracitada:

“Tempo de planejamento e organização na escola a qual essa demanda surge. Uma vez que ficamos de forma itinerante em três escolas ou mais” (psicólogo escolar F).

“Mais autonomia nas ações e maior tempo na agenda escolar” (psicólogo escolar H).

“Ocorre que, como o fenômeno complexo que é, mesmo sendo o assunto central das ações nesta escola em específico, devido a rotatividade nas escolas (atendo 4 escolas), acabo estando neste espaço apenas 4 dias por mês e não consigo fazer um trabalho tão próximo, haja vista esta ser uma escola grande, com mais de 600 alunos. Dessa forma, as ações precisam ocorrer também elencadas pelos docentes, bem como ter o engajamento dos discentes, mas nem sempre isso ocorre” (psicólogo escolar K).

Ademais, as estratégias sugeridas pelos psicólogos para aprimorar a atuação da categoria no enfrentamento ao *bullying* incluem:

“Todos os responsáveis e equipe pedagógica, devem estar envolvidos na vida escolar do estudante, seja ele a vítima, ou o autor, pois o bullying tem consequências para além das paredes da escola. “Acolher os estudantes, ouvindo o que ele tem a dizer, sem julgamentos, e dando autonomia para desenvolver estratégias de enfrentamento ao bullying juntamente com a equipe psicossocial e pedagógica; acolhimento dos responsáveis, a fim de entender o contexto em que aquele indivíduo vive; envolver a escola em toda e qualquer decisão a ser tomada” (psicólogo escolar O).

“Prevenção ao bullying e outras formas de violência, programas de aprendizagem socioemocional, prover serviços de prevenção e intervenção em situações de crise” (psicólogo escolar B).

“Orientações e momentos de diálogo com turmas alvo; apoio emocional à vítima; estudos de caso com a docência para pensar em estratégias de intervenção” (psicólogo escolar N).

“Atuação em conjunto e multidisciplinar; Envolvimento da comunidade escolar para criar estratégias e planos de ação; Considerar a realidade do território e aproveitar suas potencialidades; Aproximação com os alunos; Desenvolvimento de autonomia e protagonismo juvenil; Conhecimentos técnicos para atuar na escola; Atuação ética política sempre; Coragem e dedicação para encarar a realidade e necessidade de cada território; Se atualizar sempre em temas transversais à violência” (psicólogo escolar J).

Em suma, além de mapear o ambiente onde cada escola está localizada, respeitar as individualidades de cada sujeito e integrar os diferentes contextos, é preciso priorizar o engajamento dos estudantes. Proporcionar um espaço seguro de escuta ativa e acolhimento é fundamental para que os discentes possam expor suas opiniões, *feedbacks* e sugestões na prevenção e combate ao *bullying* escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *bullying* é um tipo de assédio moral, caracterizado pela desigualdade de poder, onde a parte mais fraca é oprimida e violentada de diversas formas. As escolas são uma

das principais instituições onde o *bullying* é manifestado. Considerando os grandes prejuízos acometidos às vítimas é imprescindível a atuação da comunidade escolar diante dessa demanda (Ristum, 2010).

Compreendendo o psicólogo escolar como parte dessa comunidade, esta pesquisa teve por objetivo investigar a atuação do profissional na mitigação do *bullying*, bem como as estratégias utilizadas para tal e os desafios encontrados pelo caminho.

Os resultados da pesquisa demonstraram que o *bullying* é uma problemática recorrente nas escolas, com fatores motivadores que incluem aparência física, questões raciais, orientação sexual e gênero, afetando o bem-estar e o desenvolvimento dos estudantes. Nesse contexto, a atuação do psicólogo escolar é imprescindível para intervir em situações de violência e promover estratégias preventivas que contribuam para a formação de um ambiente mais saudável.

Os psicólogos escolares entrevistados destacaram a necessidade de um trabalho que envolva toda a comunidade escolar, incluindo professores, gestores, estudantes e famílias. Esse envolvimento é essencial, pois permite a construção de estratégias colaborativas, promovendo uma cultura de respeito e inclusão. Além disso, os psicólogos apontam que as ações preventivas, como palestras, rodas de conversa e atendimento individuais têm se mostrado eficazes na redução dos casos de *bullying*. A maioria dos participantes acredita que as ações desenvolvidas têm surtido efeito, sendo notório a redução nos casos de *bullying*.

Entre os desafios relatados, o acúmulo de responsabilidades devido ao atendimento a várias escolas e a naturalização de atos de violência comprometem a qualidade e a continuidade das intervenções. Os resultados dessa pesquisa também evidenciam que a coparticipação de outros membros da comunidade escolar na manifestação do *bullying* compromete a atuação do psicólogo escolar. Compreende-se então, que as ações desenvolvidas em prol da prevenção e intervenção ao *bullying* devem ser estendidas à toda comunidade escolar, tendo em vista a naturalização da violência e demais questões sociais que contribuem para a estruturação de atos inaceitáveis.

Com base nos dados levantados sugere-se o aumento do número de psicólogos escolares no quadro da Secretaria Estadual da Educação do Estado do

Espírito Santo, de forma que seja possível oferecer suporte adequado para as ações preventivas contra o *bullying* e outras demandas. Recomenda-se, ainda, que os psicólogos escolares sejam capacitados continuamente em temas relacionados ao *bullying*. Além disso, a promoção de programas de formação para educadores sobre identificação e intervenção em casos de *bullying* é uma medida fundamental para fortalecer o combate a essa violência.

A presente pesquisa contribui para a literatura sobre *bullying* e psicologia escolar ao destacar a importância do papel do psicólogo como agente de mudança no ambiente escolar e ao apontar as limitações que comprometem sua atuação. Futuras pesquisas podem explorar com mais profundidade o impacto de programas de intervenção no comportamento dos estudantes, bem como o papel da formação continuada para educadores e psicólogos.

Em conclusão, a mitigação do *bullying* nas escolas requer o engajamento de toda a comunidade escolar e a valorização do trabalho do psicólogo escolar. A criação de um ambiente escolar saudável e acolhedor demanda não apenas a intervenção direta com vítimas e agressores, mas também o estabelecimento de práticas educativas e preventivas que integrem todos os membros da escola. Dessa forma, é possível construir um espaço onde o respeito às diferenças e a promoção do bem-estar estejam em primeiro plano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADA, Paula Costa de *et al.* Atuação de psicólogas (os) na escola: enfrentando desafios na proposição de práticas críticas. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v.39, p.1-16, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/qjCZv6PcbjtT5kckk6YPkpg>. Acesso em: 15 maio 2024.

ANDRADE, Elizete Prescinotti; LI, Lilia D.'Souza. As consequências do *bullying*: autoagressão e suicídio no cotidiano escolar. **Revista Educação - UNG**, Guarulhos, v.15, n.1, p.15-22, 2020. Disponível em: <https://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/4003>. Acesso em: 13 maio 2024.

ANTUNES, Deborah Christina; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Do *bullying* ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v.20, n.1, p.33-41, jan./abr. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/zqHCbb9MvDmKpg8HkRlPBXK/?format=html>. Acesso

em: 14 maio 2024.

ARMITAGE, Ricardo. *Bullying* in children: impact on child health. **BMJ Paediatr Open**. Londres, v.5, n.1, mar. 2021. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7957129/>. Acesso em 15 maio 2024.

BALOGH, Iêda Rodrigues da Silva. Situações de *bullying* e *cyberbullying* protagonizando tragédias suicidas dentro e fora da escola. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v.22, n.234, p.133-144, maio/jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/61218>. Acesso em: 14 maio 2024.

BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. *Bullying*: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v.16, n.1, p.35-44, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/NbpMpgSfMS3xnpddKdzCphp/>. Acesso em: 01 maio 2024.

BARROS, Paulo César; CARVALHO, João Eloir; PEREIRA, Beatriz Oliveira. Um estudo sobre o *bullying* no contexto escolar. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 9., Curitiba, Brasil, 2009 – Políticas e práticas educativas: desafios da aprendizagem: **ACTAS**. Curitiba: Champagnat, 2009. p. 5738-5757. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10169>. Acesso em: 28 mar. 2024.

BATISTA, Elise Helena Moraes. *Bullying* e preconceitos étnico-raciais. **Poiésis- Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, Tubarão, v.7, n.12, p. 302-323, jun./dez. 2013. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/1828/1312>. Acesso em: 01 maio 2024.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2024.

CAMINHA, Marina Gusmão; CAMINHA, Renato Maiato; JUSTO, Alice Reuwsaat. Trabalho de Reciclagem Infantil – Preventivo (TRI-P): aplicação em grupos de escolares. In: NEUFELD, Carmem Beatriz (Org.). **Terapia cognitivo-comportamental em grupo para crianças e adolescentes**. Porto Alegre: Artmed, 2015. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582712122/>. Acesso em 14 maio 2024.

CARAPELLO, Raquel. O racismo camuflado pelo *bullying*. **Revista Educação - UNG**, Guarulhos, v.15, n.1, p.171-178, 2020. Disponível em: <https://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/4018>. Acesso em: 14 maio 2024.

CHAVES, Denise Raissa Lobato; SOUZA, Mauricio Rodrigues de. *Bullying* e preconceito: a atualidade da barbárie. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.23, p.1-18, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XMxfvL9nkJ7s8jQ8v9sSmjw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 maio 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) na educação básica**. 2. ed. Brasília: CFP, 2019. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologasos-na-educacao-basica/>. Acesso em: 19 maio 2024.

CROCHÍK, José Leon. Fatores psicológicos e sociais associados ao *bullying*. **Revista Psicologia Política**, Trindade, v. 12, n. 24, p. 211-229, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4411438>. Acesso em: 01 maio 2024.

DANTAS, Izabela da Silva; MEZZALIRA, Adinete Sousa da Costa. Psicólogo escolar: fortalecendo a participação da família na escola. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 15, n. 4, p. 1-10, out./dez. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-89082020000400007. Acesso em: 14 maio 2024.

FARENZENA, Rosana Coronetti. *Bullying* escolar: a (in) visibilidade do fenômeno e dos protagonistas crianças. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v.27, n.2, p.329-347, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/11426>. Acesso em: 16 maio 2024.

FERREIRA, Dennys Gomes; MENDONÇA, João Guilherme Rodrigues. O fenômeno bullying no ambiente pedagógico: estudo dos aspectos históricos e conceituais baseados nas diferenças sociais e culturais. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v.14, n. 41, p.116-137, 2023. Acesso em: 05 nov. 2024.

FIGUEIRA, Marcelle de Paula *et al.* Associação entre supervisão parental, vitimização e perpetração de *bullying* em adolescentes brasileiros, pesquisa nacional de saúde do escolar 2015. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v.31, n.1, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/pQJV7t5QxfJK6bNtFWp3wj/>. Acesso em: 18 maio 2024.

FORTUNA, Volnei; MORGAN, Marisa Ighes Orsolin; CANCI, Zaira de Oliveira. A dinâmica da maldade e as condições objetivas do *bullying* na escola. **Revista Brasileira de Ensino Superior**, v.3, n.3, p.23-41, jul./set. 2017. Disponível em: <https://seer.atitus.edu.br/index.php/REBES/article/view/2108>. Acesso em: 18 maio 2024.

FREIRE, Alane Novais; AIRES, Januária Silva. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do *bullying*. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v.16, n.1, p.55-60, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/tvZ37DSGCbZNVQxnsq3DCs/>. Acesso em: 01 maio 2024.

GOMES, Francisco Vinicius Ferreira. Ações de prevenção ao *bullying* escolar no ensino fundamental: um relato de experiência em psicologia escolar/educacional. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 11, n. 15, p. 1- 14, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/37162>.

Acesso em: 15 maio 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2022. Disponível em: [https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559770670/epubcfi/6/10\[%3Bvnd.vst.idref%3Dcopyright\]/4/32/14/2/2](https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559770670/epubcfi/6/10[%3Bvnd.vst.idref%3Dcopyright]/4/32/14/2/2). Acesso em 14 maio 2024.

MEZZALIRA, Adinete Sousa da Costa; FERNANDES, Thatyanny Gomes; SANTOS, Cyntia Maria Loiola dos. Os desafios e as estratégias da psicologia escolar no enfrentamento do *bullying*. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 25, p.1-5, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/dfxS3mLkxYJ9tnSVmNQ6C5y/>. Acesso em: 06 maio 2024.

MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. O que pode fazer o psicólogo na escola? **Em Aberto**, Brasília, v.23, n.83, p.39-56, mar. 2010. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/6292>. Acesso em: 14 maio 2024.

MORAES, Leticia de *et al.* **Bullying, ideação suicida, habilidades sociais e clima escolar**: Fatores de risco e de proteção à saúde mental de adolescentes. 2023. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2023. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/20178>. Acesso em: 14 maio 2024.

NASCIMENTO, Ana Rogélia Duarte do. **Atuação do psicólogo escolar junto a professores da educação básica**: Concepções e práticas. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18675?locale=pt_BR. Acesso em 4 jun. 2024.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de *et al.* Revisão sistemática sobre *bullying* e família: uma análise a partir de sistemas bioecológicos. **Revista de Salud Pública**. v.20, n.3, p.396-403, jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15446/rsap.V20n3.47748>. Acesso em: 06 maio 2024.

PABÓN-CARRASCO, Manuel *et al.* influence of personality traits and its interaction with the phenomenon of *bullying*: multi-centre descriptive study. **International journal of environmental research and public health**, Basel, v. 17, n. 1, p. 172-185. jan. 2020. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/17/1/172>. Acesso em: 07 maio 2024.

PAZ, Fernanda Marques; FRAGA, Isabella Machado. As contribuições da psicologia escolar no enfrentamento ao *bullying*. **Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão**. Belo Horizonte. v.6, n.12, p.34-47. 2022. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/conecte-se/article/view/28728>. Acesso em: 13 maio 2024.

PETRONI, Ana Paula; SOUZA, Vera Lucia Trevisan de. Psicologia escolar: análise sobre dificuldades e superações no Brasil e Portugal. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v.21, n.1, p.13-20, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/6pVv9gDQPnMpyzy4jtsZZGn/>. Acesso em: 05 jun. 2024.

PIMENTEL, Fernanda de Oliveira; MÉA, Cristina Pilla Della; PATIAS, Naiana Dapieve. Vítimas de *bullying*, sintomas depressivos, ansiedade, estresse e ideação suicida em adolescentes. **Acta Colombiana de Psicología**, Bogotá, v.23, n.2, p.230-240, jul./dez. 2020. Disponível em http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0123-91552020000200230&script=sci_arttext&tlng=pt#B7. Acesso em: 15 maio 2024.

RIBEIRO, Ananda Costa. **A contribuição do psicólogo escolar na prevenção e no enfrentamento do bullying**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - UNIFUCAMP - Centro Universitário Mário Palmério, Monte Carmelo, 2021. Disponível em: <http://repositorio.fucamp.com.br/handle/FUCAMP/579?mode=full>. Acesso em: 05 maio 2024.

RISTUM, Marilena. *Bullying* escolar. In: ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO Patrícia; AVANCI, Joviana Quintes (org.). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/szv5t/pdf/assis-9788575413302.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2024.

SCHULTZ, Naiane Carvalho Wendt *et al.* A compreensão sistêmica do *bullying*. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.17, n.2, p.247-254, abr./jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/3s8Bkbw8Bc9nFR96vZj45Mm/>. Acesso em: 19 maio 2024.

SHARIFF. Shaheen. **Cyberbullying: questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2011. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788536324890/pageid/0>. Acesso em 14 maio 2024.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. 2. ed. São Paulo: Globo Livros, 2015. *E-book*. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=UUgHCwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=Bullying:+mentes+perigosas+nas+escolas&ots=Y3beQqF55y&sig=L2eOJz6ltuwQ4Fu pXJz0vi6zxVk#v=onepage&q=Bullying%3A%20mentes%20perigosas%20nas%20escola s&f=false>. Acesso em: 19 maio 2024.

SILVA, Elizângela Napoleão da; ROSA, Ester Calland de S. Professores sabem o que é *bullying*? um tema para a formação docente. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v.17, n.2, p.329-338, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/pee/a/rCfxgt8FSpvfw8WYmV8sWmg/>. Acesso em: 19 maio 2024.

SILVA, Geórgia Rodrigues Reis *et al.* A influência da violência familiar e entre pares na prática do *bullying* por adolescentes escolares. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p.4933-4943. 2021. Supl. 3. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/csc/a/yyDS4xFjTVpz3szVmW4jzRD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 maio 2024.

SILVA, Talita Fernanda da. **Caracterização e atuação do psicólogo na escola**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A, 2021. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559031146/pageid/2>. Acesso em: 14 maio 2024.

SOUZA, Beatriz de Paula. Professora desesperada procurar psicóloga para classe indisciplinada. *In*: MACHADO, Adriana Marcondes; SOUZA, Marilene Proença Rebello de (org.). **Psicologia escolar: em busca de novos rumos**. 5.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SUZUKI, Denise Chrysostomo; VITALLE, Maria Sylvia de Sousa. Musicoterapia na escola – estratégia de enfrentamento do *bullying*: uma revisão integrativa. **Revista Educação - UNG**, Guarulhos. v.15, n.1, p.88-96, 2020. Disponível em: <https://revistas.ung.br/educacao/article/view/4010>. Acesso em: 13 maio 2024.

VIEIRA, Igor Soares et al. Atitudes de alunos espectadores de práticas de bullying na escola. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v.15, n.1, p.163-170, jan./mar. 2016. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/71029311/16984-libre.pdf?1633204879=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3Db_Atitudes_de_alunos_expectadores_de_pr.pdf&Expires=1730952173&Signature=AyiYMflo0cvqoH0wU8q1tcdhblK0hPbuE~pQVEstQsHMesaPGQCVvUkJW7HMvoQvXDD1ZmB4e58M5d~9THBWWjzWXE-dHuEvdd3hxvVJ9xvBXbLroPkFTaFWNnBTFxux~gQ-3SfclH2MBaO2Ec2BwlpypqPqF-hvlwzFthTkYndKu85qFDMfF2YgEzn1K4~NjGb2m4nqGh0taBarVr4zl9WoAtja9LVncq4muvrioNYGvOPKiYdSWVjGZ6H6Xus6pLGq8gbNEUhjPdGXIIbbHEoGrdKOreyFQfZfvSwaXcMq-LHmkNs9YXH0Kvo-q01rPL4jUExltWbmPS4qWk7xQ____&Key- PairId=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 05 nov. 2024

ZEQUINÃO, Marcela Almeida *et al.* *Bullying* escolar: um fenômeno multifacetado. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.42, n.1, p.181-198, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/ep/a/tfsmPDFp9d73b75mLTPvVDR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 mar. 2024.